



Graduação Pós-Graduação
 Artigo completo Relato de prática Resumo expandido

A FRONTEIRA COMO LUGAR SÓCIO-HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E EPISTÊMICO: um olhar decolonial sobre a fronteira Brasil-Bolívia-Paraguai

Olinda Beatriz Trevisol Meneghini
Universidade Católica Dom Bosco
biameneghini@gmail.com

Carmen Conceição Britez de Eugenio
Universidade Católica Dom Bosco
britezeugenio@gmail.com

Angelo Mateus Prochmann
Universidade Católica Dom Bosco
angelo.mateus@gmail.com

Luciana do Amaral Rabelo
Universidade Católica Dom Bosco
ra897584@ucdb.br

RESUMO

A fronteira entre países é um local de separação, mas ao mesmo tempo é também um local de aproximação de diferenças e semelhanças entre os lugares povos e suas práticas artísticas e culturais, seus hábitos e costumes. Se a fronteira, parece definir algum lugar fechando-o, por uma perspectiva epistêmica preferimos uma visão de que a fronteira é abertura para possibilidades: lugares, sujeitos, pensamentos, produções artísticas. Esta pesquisa prioriza uma episteme descolonial latino-americana brasileira e sul-mato-grossense para (verificar a real situação – geografia, biográfica, discursiva e cultural – dos sujeitos, práticas e culturas das nações (Brasil/Paraguai/Bolívia) que estão circunscritas nessa faixa de fronteira de exclusão, por ser considerada não produtora de conhecimento e cultura. O problema de estudos fronteiriços tradicionais são eurocêntricos e ignoram as relações de poder colonial. O objetivo deste estudo é analisar os territórios de fronteira sob a luz do pensamento decolonial, pensar a partir da ferida colonial. Para atingir o objetivo a metodologia usada é abordagem qualitativa com pesquisa de revisão bibliográfica. Há necessidade de descolonizar a Geografia e Relações Internacionais na América Latina.

Palavras-chave: Cultura; Artístico; Colonial; Geográfico; Pensamento



1 INTRODUÇÃO

Mato Grosso do Sul possui uma faixa de fronteira estratégica de 357,1 mil km², representando cerca de 40% do território estadual, fazendo limites com o Paraguai e a Bolívia. A maioria da população dos sul-mato-grossenses reside na região de fronteira, com destaque para Corumbá (88%), Ponta Porã (80%) e Mundo Novo, com forte interação econômica e cultural com os países vizinhos.

Mato Grosso do Sul tem sua identidade cultural construída na miscigenação e migração de povos nacionais e de fora do país. A proximidade e a troca cultural do Mato Grosso do Sul com o Paraguai e a Bolívia são tão grandes que os fortes aspectos culturais dos países vizinhos se tornaram parte da cultura sul-mato-grossense. A presença paraguaia é o traço cultural mais marcante, especialmente na região sul e na capital, Campo Grande.

A problemática acontece com o conflito existente entre o fato da linha colonial percebida que tenta conter o que a zona de interação vivida insiste em misturar. O Estado tenta impor uma ordem linear, enquanto a dinâmica local é o espraiamento, a interface e a transição.

Objetivo deste estudo é compreender que as fronteiras não são apenas divisões, mas espaços de relação o centro da vida local.

A linha divisória foi estabelecida por tratados coloniais e imperialistas que visavam o controle de recursos e a expansão de impérios (português e espanhol), muitas vezes sobrepondo-se a áreas indígenas, como a resistência Payaguá e Guaykuru no Pantanal.

Longe de ser apenas uma barreira, a fronteira é um espaço de intensa hibridização. As línguas próprias, como o "portunhol" ou o boliviano-brasileiro, mostram uma identidade própria, rica e dinâmica. No entanto, a subvalorização do espanhol e a imposição do português refletem uma hierarquia social, onde o português ocupa um lugar de privilégio.

2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Quijano impulsionou o Giro Decolonial que é Colonialidade do poder, saber e ser é um movimento teórico-político, que propõe analisar a modernidade através da colonialidade, o padrão de poder persistente após o fim do colonialismo.

Ele articula três eixos: a colonialidade do poder que é a estrutura global de dominação baseada na classificação racial e no controle do trabalho (capitalismo), que se espalhou das Américas para o mundo, sobrevivendo ao colonialismo formal (raça/trabalho): do saber



eurocêntrico como forma de conhecimento, que deslegitima saberes locais, povos indígenas e afrodescendentes, impondo uma única perspectiva de verdade e do ser que á desumanização e inferiorização ontológica de sujeitos racializados, afetando a subjetividade e a autopercepção dos colonizados.

Segundo Toledo (2021) o colonialismo é uma prática de domínio político, cultural ou religioso de um território sobre outro, exercida por uma potência externa. O colonialismo foi um período histórico marcado pela expansão territorial e pela dominação de metrópoles sobre colônias.

O processo político e discursivo em que Estados passam a tratar as fronteiras não apenas como linhas administrativas ou aduaneiras, mas como linhas de defesa militar e de segurança nacional contra ameaças percebidas, como migração irregular, terrorismo, tráfico de drogas e armas. Esse processo justifica medidas excepcionais, aumento de vigilância e forte controle físico de descolonizar os Estudos Fronteiriços é ainda mais importante agora, quando as zonas de fronteira vivenciam processos de securitização.

A securitização aprofunda a polarização de espaços dentro dos territórios do Estado, colocando o centro moral e cultural na capital e o estigma e o controle na fronteira, aprofundando os desafios de construção da cidadania e da democracia na fronteira.

A securitização não leva em conta, e até mesmo criminaliza, uma grande parte do conhecimento adquirido em experiências transfronteiriças. A relação entre pensamento descolonial, condição fronteiriça e projeto político possibilita o reconhecimento dos direitos da população fronteiriça e o combate à estigmatização e criminalização da fronteira.

3 CONCLUSÕES

A fronteira entre Brasil, Bolívia e Paraguai deve ser entendida como um *borderscape* (paisagem de fronteira) onde o passado colonial e os conflitos geopolíticos continuam a moldar as relações sociais, de poder e de resistência. Descolonizar essa fronteira significa valorizar as práticas culturais locais, as cosmovisões indígenas e a gestão cotidiana realizada pelos fronteiriços, em vez de focar apenas na vigilância e no controle estatal.

Assim sendo, propomos investigação dos usos políticos dados pelas diversas populações que na fronteira buscam sua liberdade e cidadania. É na subversão do conteúdo estatal que o povo da fronteira expressa e conquista suas demandas, ainda que frequentemente estas sejam direcionadas ao Estado. Como agenda, deixamos aqui a pergunta: Os fenômenos aqui descritos

se repetem em outras fronteiras do Brasil ou de outros lugares? Cartografar o ativismo fronteiriço, dando-lhe visibilidade, significa validar a escala local na política, isto é, fugir da armadilha territorial do Estado e exercitar um olhar descolonial.

Outros pontos de contato estão no reconhecimento do pós-nacional, uma vez que o cotidiano fronteiriço, observado em campo, é interpretado como fonte de identidade. Por fim, e mais importante, é deixar de enquadrar o cotidiano da fronteira como simples cultura local, folclórica, e reconhecendo sua dinâmica política, plena de relações de poder desiguais. Através de sua experiência e conhecimento local, ex-escravos, dissidentes, aventureiros e população fronteiriça se organizam para usar a fronteira como um instrumento de liberdade, lutas e demandas. Através da dupla cidadania, beneficiando-se das vantagens da travessia de fronteira ou mesmo em confronto direto, o ativismo local tem na fronteira seu palco central.

REFERÊNCIAS

(BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO; GUERRA; FREIRE. Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia), p. 17.)

DORFMAN, A.; FRANÇA, A. L. B. C. Agenda descolonial para os estudos fronteiriços no Brasil <https://doi.org/10.4000/espacepolitique.4200> Acesso em 07/02/2026

NASCIMENTO, Gabriel Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não marcado e trazer o corpo de volta na linguagem DOSSIÊ Publicado 21-05-2021

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* - Buenos Aires LCLACSO 2005. Consejo Latinoamericano de Cienc p. 117 a 142 Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pR7df Acesso em: 25/2/2025

TOLEDO, Aureo (org.). *Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em relações internacionais*. Salvador: EDUFBA, 2021.